

**CONFRONTAR
COMPLEXOS DE VISUALIDADE
PATRIARCAIS:
A MONTAGEM DE IMAGENS
E MASCULINIDADES
COM ESTUDANTES
DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

MARCUS VINÍCIUS TURÍBIO DE BRITO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **MARCUS VINICIUS TURÍBIO DE BRITO**

Título do trabalho: **CONFRONTAR COMPLEXOS DE VISUALIDADE PATRIARCAIS: A MONTAGEM DE IMAGENS E MASCULINIDADES COM ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 04/04/2022, às 10:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARCUS VINÍCIUS TURÍBIO DE BRITO, Discente**, em 04/04/2022, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2799906** e o código CRC **72CBD8D8**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

MARCUS VINÍCIUS TURÍBIO DE BRITO

**CONFRONTAR COMPLEXOS DE VISUALIDADE PATRIARCAIS: A
MONTAGEM DE IMAGENS E MASCULINIDADES COM ESTUDANTES DE
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientação: Profa. Dra. Carla Luzia de Abreu.

Coorientação: Esp. Jocy Meneses dos Santos Junior.

GOIÂNIA

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Brito, Marcus Vinícius Turíbio de
CONFRONTAR COMPLEXOS DE VISUALIDADE PATRIARCAIS:
A MONTAGEM DE IMAGENS E MASCULINIDADES COM
ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS [manuscrito]
/ Marcus Vinícius Turíbio de Brito. - 2022.
lxx, 70 f.

Orientador: Profa. Dra. Carla Luzia de Abreu; co-orientadora Jocy Meneses dos Santos Junior.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2022.

Bibliografia. Anexos.
Inclui lista de figuras.

1. Cultura Visual. 2. Masculinidades. 3. Culturas Patriarcais. 4. Gênero. 5. Licenciatura. I. Abreu, Carla Luzia de, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) trinta e um dias do mês de março do ano de 2022 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "Confrontar complexos de visualidade patriarcais: A montagem de imagens e masculinidades com estudantes de Licenciatura em Artes Visuais", de autoria de **MARCUS VINICIUS TURÍBIO DE BRITO**, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais (FAV), Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pela orientadora, Profa. Dra. Carla Luzia de Abreu (FAV-UFG) e pelo coorientador Esp. Jocy Meneses dos Santos Junior (mestrando do PPGACV-UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Maria Elisa Martins Campos do Amaral (Escola de Belas Artes/UFMG) e Profa. Dra. Alice Fátima Martins (FAV-UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alice Fatima Martins, Professora do Magistério Superior**, em 31/03/2022, às 11:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 31/03/2022, às 11:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOCY MENESES DOS SANTOS JUNIOR, Usuário Externo**, em 31/03/2022, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Elisa Martins Campos do Amaral, Usuário Externo**, em 01/04/2022, às 12:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2792115** e o código CRC **BA96C74A**.

AGRADECIMENTOS

Sigo no processo de concluir esta jornada da graduação pensando em queridas pessoas que acompanharam meus receios, minhas dúvidas, curiosidades e minha vontade, aliada a possibilidade, de estar presente nas transformações que se aparelham ao meu redor. Entre tantas pessoas com quem divido o carinho, às quais desejo a liberdade de ser, às represento em três. Edna, enfermeira, educadora, e minha mãe, que sempre me ensina a ter cuidado, respeito, posicionamento e coragem. Sua dedicação ao trabalho está relacionada a vontade pelo cuidado, esse cuidado que nossa família pode sentir também, e a coragem de continuar a conquista pelos seus sonhos, ainda que já tenha batalhado por tantos. Lembro também de Eliana, que me ensina tantas coisas, me mostrou que eu tinha qualidades não só para desafiar um campo profissional, mas a poder desejar o ensino superior e gratuito, que não tinha sido até então acessado por ninguém de casa. Lembro até hoje da nossa conversa sobre a educação poder estar acompanhada da pesquisa e da comunidade. A coragem que muito já me foi nomeada eu tive a felicidade de redescobrir com Carla, nos agarramos pelas mãos logo no primeiro encontro na UFG, me fascinou a permissão de uma aprendizagem crítica e acolhedora. Mediadora das minhas relações subjetivas com os gêneros, as sexualidades, e sobretudo com a palavra resistência. Esses nomes são singulares, mas estão acompanhadas de muitas, todas estão aqui.

Em atenção, desejo esperança e saúde à minha orientadora Carla, e a Jocy, meu coorientador, de tantas noites e dias trocados em palavras. Além do necessário grupo de pesquisa em Cultura Visual e Práticas Pedagógicas, no qual se juntam a nós Julia e Julliany. Também, às professoras Alice e Elisa, que acolhem minha escrita e nossa pesquisa, ao comporem a banca e compartilharem do momento de defesa do TCC.

“Eu fracassei, eu fracasso, eu sou o fracasso de tudo que queriam que eu fosse. Não sou homem, nem sou mulher, sou travesti”.

Lina Pereira - Linn da Quebrada

RESUMO

Esta pesquisa propõe investigar o quê e como as imagens educam sobre gêneros e sexualidades. Observamos o potencial educativo das visualidades e contravisualidades por meio de pesquisa desenvolvida em campo junto a um grupo de discentes do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, em um projeto de iniciação científica formado por pessoas com identidades de gênero relacionadas às masculinidades. O grupo serviu de espaço para discussões sobre as imagens com as quais esses estudantes têm contato e como elas podem servir para construir e solidificar ideias sobre masculinidades que perpetuam as violências de gênero. Em contraponto, foi fomentado o diálogo com outras imagens, cujos discursos subvertem as visualidades hegemônicas no que tange às questões de gêneros e sexualidades, propondo formas de performar as masculinidades que não estão atreladas à violência. A pesquisa joga luz sobre a necessidade de criar espaços nas Universidades para que se discutam as violências embasadas em gênero e sexualidade, uma vez que é necessário um esforço coletivo para seu combate.

Palavras-chave: Cultura Visual; Masculinidades; Culturas Patriarcais; Gênero; Licenciatura.

RESUMEN

Este estudio propone investigar qué y cómo las imágenes educan sobre el género y la sexualidad. Observamos el potencial educativo de las visualidades y contravisualidades a través de una pesquisa desarrollada en el campo con un grupo de estudiantes del curso de Artes Visuales de la Universidad Federal de Goiás, en un proyecto de iniciación científica formado por personas con identidades de género relacionadas con las masculinidades. El grupo sirvió como espacio de discusión sobre las imágenes con las que estos estudiantes tienen contacto y cómo pueden servir para construir y solidificar ideas sobre las masculinidades que perpetúan la violencia de género. Como contrapunto, se fomentó el diálogo con otras imágenes, cuyos discursos subvierten las visualidades hegemónicas respecto a las cuestiones de género y sexualidad, proponiendo formas de interpretar las masculinidades que no están vinculadas a la violencia. La investigación arroja luz sobre la necesidad de crear espacios en las universidades para discutir la violencia basada en el género y la sexualidad, ya que es necesario un esfuerzo colectivo para combatirla.

Palabras clave: Cultura visual; Masculinidades; Culturas Patriarcales; Género; Estudios universitarios.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Cartaz classifica como mulheres deveriam se vestir.	11
Figura 2. Atividade com nomes e figuras.	13
Figura 3. Meme incitando violências de gênero, compartilhado em redes sociais de grupo universitário.	20
Figura 4. The rape of Tamar.	24
Figura 5. Orelha do pai, costurada após agressão.	25
Figura 6. Leôncio humilha e obriga Isaura a realizar atividades forçadas na fazenda.	27
Figura 7. Recorte em Montagem 1.	31
Figura 8. Miniatura de vídeo em que o youtuber Felipe Neto compartilhou quadro com brincadeira transfóbica.	32
Figura 9. Meme viral que mostra a jornalista Clarissa Ward em Kabul após a retomada de poder do Talibã.	35
Figura 10. Fardamento obrigatório exigido semanalmente pelo Colégio da Polícia Militar de Goiás (CPMG).	37
Figura 11. Recorte aproximado da Montagem 1.	39
Figura 12. Montagem 1, sobre as visualidades que violentam embasadas nos gêneros e sexualidades, e as que a elas resistem.	40
Figura 13. Montagem 2, Quais masculinidades as imagens constroem, desconstroem e reconstroem?.	44
Figura 14. Recorte em montagem 2.	45
Figura 15. Serigrafia vinílica Jogo do Bicho, de Oscar Fortunato, 2012.	47
Figura 16. Fotografia da lista de gabinetes no Senado, sem a presença do vigésimo quarto.	47
Figura 17. Fotografia de crianças dançando quadrilha.	49
Figura 18. Amigos padrinhos se preparando com a noiva.	50
Figura 19. Chá de lingerie.	51
Figura 20. Imagem do cartaz do filme Bachelor Party (1984).	51
Figura 21. Cena do filme 365 dni (2020).	52
Figura 22. Capa do single MASCULINIDADE (2021) de Tiago Iorc.	53
Figura 23. Ney Matogrosso performando no palco.	54
Figura 24. David Bowie.	55
Figura 25. Gloria Groove no clipe Leilão (2022).	56
Figura 26. Pablo Vittar em dois looks na revista Pop-se.	56
Figura 27. Pablo Vittar eleita o homem do ano.	57
Figura 28. Frame do clipe Bumbum de Ouro (2017) de Gloria Groove.	58
Figura 29. Harry Styles e Lil Nas X na montagem 2.	59

SUMÁRIO

1 ADENTRAR ÀS IMAGENS QUE CONDUZEM GÊNEROS E SEXUALIDADES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS.....	09
1.1 Falar das imagens que educam	13
1.2 As montagens dos gêneros e sexualidades	15
2 IMAGENS QUE VIOLENTAM EMBASADAS NOS GÊNEROS E SEXUALIDADES.....	19
2.1 Notas sobre o trabalho de campo	22
2.2 As violências transcendem as agressões corporais	23
3 COMPLEXOS DE VISUALIDADE PATRIARCAIS.....	30
3.1 Vestir a imagem gendrada	35
4 IMAGENS CONSTROEM, DESCONSTROEM E RECONSTROEM AS MASCULINIDADES.....	42
4.1 Desvestir o número do veado	47
4.2 Masculinidades tensionadas pela cultura pop	53
5 A EDUCAÇÃO EM OUTRAS IMAGENS.....	61
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXOS.....	68

**1 ADENTRAR ÀS IMAGENS QUE CONDUZEM GÊNEROS E SEXUALIDADES EM
AMBIENTES EDUCACIONAIS**

1 ADENTRAR ÀS IMAGENS QUE CONDUZEM GÊNEROS E SEXUALIDADES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS

Larga parte da população brasileira permanece por um período prolongado no Ensino Básico. Em média, são 9,4 anos de estudos entre as pessoas com mais de 15 anos (IBGE, 2019). Consideramos, então, que “a escola constitui-se num aparelho ideológico central” (SILVA, 2010, p. 31), uma instituição produtora de normas socioculturais, em um âmbito coletivo. Ainda assim, “a experiência de cada sujeito na vida escolar, e em todos os demais processos de formação educativa, é singular, a partir de seus percursos pessoais, únicos” (MARTINS, 2013, p. 183). Essas teias pedagógicas cotidianas e singulares são responsáveis por influenciar referenciais identitários particulares, de tal forma adquiridos pelas traduções do imaginário coletivo.

Se atentarmos para o currículo escolar, perceberemos o conservadorismo que perpetua a exploração, a opressão e a dominação do olhar e dos sujeitos, resultantes de “práticas padronizadas, discriminatórias e de relação de poder que beneficiam certos segmentos da sociedade” (TOURINHO, 2009, p. 53). Nessas condições, as imagens são usadas para fins de conformação de subjetividades e de dominação por parte de um grupo que detém as ferramentas e dispositivos de controle nas relações de poder dentro das sociedades. Essa forma de manipular as subjetividades por meio das imagens é o que Mirzoeff chamou de “complexos de visualidade” (2016, p. 752), práticas discursivas operacionalizadas por autoridades com o objetivo de regular e controlar o olhar.

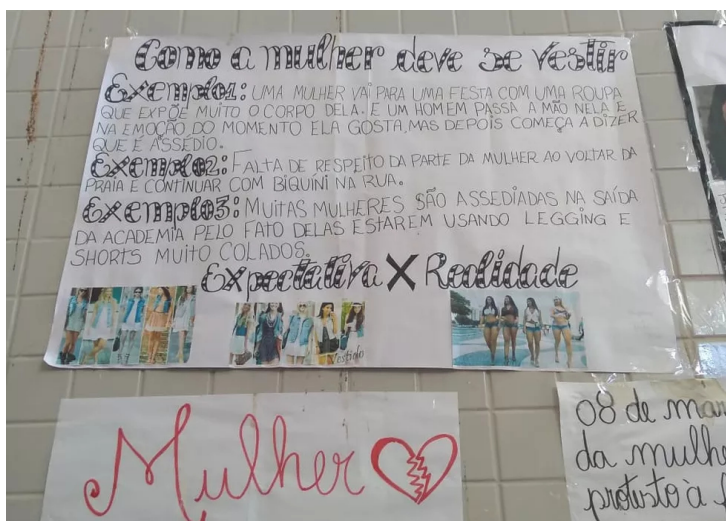
As dinâmicas sociais, a estrutura institucional e o currículo são mediados por visualidades, que intervêm na movimentação de indivíduos na sociedade e em suas representações, ensinando estudantes a naturalizar as normativas sociais. Como já reconhecido por Irene Tourinho e Raimundo Martins: “A naturalização que ocorre através dos filtros da cultura dá estabilidade e coerência visual ao mundo, ao modo como o vemos e reconhecemos” (2011, p. 60).

O que essas imagens estão ensinando sobre gêneros e sexualidades? Nos interessa nesta pesquisa entender as contribuições dessas visualidades para a manutenção de culturas patriarcais nos ambientes educacionais, haja vista a

circulação de discursos que produzem e reproduzem masculinidades responsáveis pela manutenção de uma cultura machista e pelas altas nos casos de violências físicas e simbólicas de gênero nesses espaços.

Essa situação pode ser exemplificada no polemizado caso da Escola Estadual Padre Humberto Piacente, no Espírito Santo, no qual a diretora, professora Fernanda Pires, relata sobre um exercício feito com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, em que deveriam retratar o que pensavam e escutavam no convívio familiar sobre mulheres vítimas de violência sexual. Os cartazes expuseram opiniões que culpabilizam as vítimas pelas agressões e as visualidades construídas sobre quais corpos acreditavam se permitir ou não serem assediados. Em um deles [Figura 1], estavam descritas regras de como as mulheres deveriam se vestir, dando exemplos de como algumas roupas hipoteticamente as colocavam de forma vulnerável aos assédios. Nas imagens do cartaz temos algumas figuras femininas com roupas que cobrem os ombros e a barriga sinalizadas pela palavra "expectativa", em contraponto à palavra "realidade", acompanhada de figuras femininas com roupas que deixavam o corpo mais livre e desvelado. Nesta pequena amostra, já identificamos e podemos questionar sobre as violências simbólicas que preenchem o imaginário coletivo de estudantes e de grande parte da população brasileira.

Figura 1. Cartaz classifica como mulheres deveriam se vestir.



Fonte: Portal TV Gazeta¹.

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2019/03/20/apos-polemica-escola-do-es-tira-cartazes-machistas-e-apaga-posicionamento-em-rede-social.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2022.

Neste contexto, as imagens operam por normativas heterossexuais, não como uma prática sexual, mas como um regime político, que intenta reger e discriminar os corpos e as subjetividades de mulheres, travestis e outras pessoas com identidades de gênero e sexual que desviam da norma masculinizada de um homem branco cisheteronormativo. Compreendemos esta heterossexualidade compulsória e a pulsão falocêntrica “como regimes de poder/discurso” (BUTLER, 2003, p. 10). Ao falar das dinâmicas de gêneros e de sexualidades, nos importa considerar que “são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento” (LOURO, 1997, p. 27). Nesse sentido, se faz necessário ir na contramão de correntes conservadoras que pretendem limitar e cercear vivências e possibilidades de ser e estar no mundo.

Nos últimos anos, no Brasil, nossas escolas foram tomadas por uma reação ao que ficou conhecido como “ideologia de gênero”², um movimento de origem cristã e moldado pelas doutrinas pentecostais. O movimento propôs fiscalizações ditatoriais que coíbiam possibilidades de abordar temáticas ou eventos em que os assuntos sexualidade e gênero poderiam ser trabalhados nas escolas, em uma tentativa de derrubar qualquer alternativa que não siga à risca o discurso cisheteronormativo.

Esta fiscalização traz prejuízos em escalas diversas, como o caso da Escola Municipal Santa Rita de Cássia. Em 2018, a escola que fica na Bahia, veio a público se desculpar por um erro de digitação. Na época, a professora do 2º ano do Ensino Fundamental I trocou a ordem dos nomes com as figuras em uma atividade de matemática [Figura 2] e, posteriormente, por meio de uma postagem viralizada feita pelo pai de estudantes, a escola sofreu acusações sobre a alcunha

² Rogério Junqueira (2018, p. 453) explica a premissa sobre a qual se fundamentam as mobilizações antigênero empreendidas por parte de setores conservadores da sociedade: “‘feministas radicais’, ativistas LGBTI, políticos de esquerda órfãos do comunismo, organismos internacionais e seus aliados estariam, de maneira sutil e insidiosa, empenhados em infundir a ‘ideologia de gênero’, especialmente nas escolas. [...] ‘esses grupos ‘radicais’, por meio de discursos envolventes sobre a promoção da igualdade e o questionamento dos estereótipos, promoveriam a disseminação e imposição ideológica de um termo novo, perigoso e impreciso: o gender/gênero. Seu intuito seria extinguir a ‘diferença sexual natural’ entre homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, difundindo-se a crença enganosa de que tais diferenças seriam meros produtos de processos opressivos de construção social e que poderiam constituir simples escolha do indivíduo”.

de “educar gênero” para as crianças, uma situação injusta, retirada do contexto e que teve repercussões a nível nacional.

A quem serviria esta vigilância? Quem decide quais imagens pertencem ao gênero? Se não há intenção de ideologizar o gênero de uma forma cisheteronormativa, se não se pretende falar de gêneros e sexualidades nas escolas, por que uma troca não intencional de palavras e figuras gerou tanto repúdio e desconforto?

Figura 2. Atividade com nomes e figuras

AVALIAÇÃO DE MATEMÁTICA	
Nome: _____	
1- Escreva os numerais em palavras:	
102: _____	56: _____
118: _____	42: _____
120: _____	63: _____
2- Veja a fila das crianças e responda:	
•A primeira criança da fila é _____ •Tiago é a _____ criança da fila. •A última criança da fila é _____ •Douglas é a _____ criança da fila. •Depois de Amanda vem _____. Ela é a _____ criança da fila. •Quem chegar depois de Juliana será a _____ criança da fila.	
3- Escreva o fato que está representado no desenho:	

Fonte: Blog Mundo Infantil 2º Ano³.

1.1 Falar das imagens que educam

Reconhecemos a reincidência dos discursos ideologicamente normalizantes que percorrem os corredores e pátios das escolas e, nessa direção, defendemos a mediação dos estudos em Arte por meio da abordagem dos estudos da Cultura Visual, para a proposição de seres críticos ao que veem, em contraposição a olhares docilizados. Pensamos o Ensino de Arte na Educação

³ Disponível em: <http://deixemamaeepapai.blogspot.com/2013/10/matematica-23-anos-avaliacao-e.html>. Acesso em: 13 jan. 2022.

Básica pela perspectiva da Cultura Visual, que considera as “práticas artísticas como práticas discursivas - culturais - que têm efeitos nas maneiras de ver e de ver-se” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 43). Assim, pautamos nossa pesquisa em um ensino de Arte que pretende olhar para as imagens para além de seu valor estético, “buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura”. (MARTINS, 2007, p. 26)

E por que seria importante convidar discentes a refletirem sobre as imagens que consomem e influenciam seus imaginários? Com este trabalho, pretendemos acionar essas visualidades em contextos educativos com a intenção de propor discussões que reposicionam a escola – esse aparelho ideológico central fomentador de controles culturais –, em “uma escola que, em suma, possa ser um lugar onde todos e todas encontrem e projetem seu desejo de conhecer e transformar a realidade” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 45).

Queremos investigar como as “contravisualidades”⁴ podem contribuir para processos de “‘desterritorialização’ da heterossexualidade” (PRECIADO, 2011, p. 14), em nosso caso, utilizando imagens como recurso pedagógico. Com essa estratégia, pretendemos exercitar formas de resistir às normativas das culturas patriarcais e, assim, auxiliar na proposição de currículos críticos que combatam potenciais violências dentro dos espaços educacionais.

Com estas intenções, esta pesquisa investigou o potencial das imagens para a produção de discursos que constroem, desconstroem e reconstroem ideias acerca de gêneros e sexualidades em contextos educativos. Para desenvolvê-la, foram conduzidos encontros junto a um grupo de estudantes universitários, formado em um projeto de PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), do qual, eu, Marcus Turíbio, participo.

Dadas as limitações de tempo para a realização desta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, formamos um grupo com quatro estudantes, jovens adultos, regularmente matriculados no curso de Licenciatura em Artes

⁴ Conforme conceituada por Mirzoeff (2016), a contravisualidade evoca uma visualidade que vai contra as regras naturalizadas de distribuição do visível e dizível. Produzir contravisualidades trata-se, portanto, de promover processos subjetivos gerados desde as diferenças. Desse modo, imagens que resistem a imaginários hegemônicos a partir da reivindicação do “direito ao olhar” são contravisualidades.

Visuais da Universidade Federal de Goiás. As Licenciaturas são os cursos superiores responsáveis pela formação de docentes que atuam profissionalmente no Ensino Básico, o que abre espaço na nossa pesquisa para um diálogo com a escola.

O grupo é formado por jovens que se reconhecem em identidades de gênero relacionadas às masculinidades. Este recorte de público tem em mente o fato de que a maioria dos casos de violências de gênero tem como autores pessoas que performam masculinidades. Ainda que um grupo pequeno, esse recorte pode nos oferecer uma diversidade de masculinidades a serem manifestadas nos encontros.

Por meio dos contatos estabelecidos com esses sujeitos, coletamos dados acerca das “visualidades” e “contravisualidades” que constroem o imaginário social no que tange às questões de gêneros e sexualidades, com o objetivo de acessar a circulação e potência das imagens dentre discentes do curso de licenciatura em Artes Visuais da nossa Universidade. Desse modo, utilizamos as imagens como base para problematizações do complexo de visualidade patriarcal, bem como verificamos o contato desses sujeitos com contravisualidades que subvertem hierarquias e desconstroem violências e hegemonias embasadas no gênero.

A pesquisa foi guiada pelas seguintes inquietações e questionamentos: O que as “visualidades” e “contravisualidades” podem ensinar sobre gêneros e sexualidades a discentes do curso de Licenciatura em Artes Visuais? E, por que é importante convidar futuros docentes a refletirem sobre as imagens que consomem e que constroem seus imaginários? Trabalhamos com a ideia de que este grupo de colaboradores, provavelmente, irá introduzir posteriormente suas próprias ideias e ideologias nas práticas de ensino em ambientes educacionais.

1.2 As montagens dos gêneros e sexualidades

Na segunda metade do Ensino Fundamental, um colega da escola levou para o horário do recreio um aparelho portátil que reproduzia vídeos em baixa resolução. Logo, todos os meninos foram convidados a se reunirem em volta do

aparelho para ver alguns minutos de um vídeo pornográfico com um casal cisheterossexual. Em pleno pátio, se formou um ambiente onde as meninas não tinham boa recepção, era uma ação deliberadamente vetada às garotas, enquanto para os garotos, era posto como no mínimo antipático não dividir aquele momento, ou seja, ver aquelas imagens era uma obrigação para reforçar sua conduta masculinizada.

Revisitar esta cena me faz lembrar imagens masculinizadas e masculinizantes que ditam, mesmo que de forma oculta, as normas de gêneros e sexualidades. Estas foram propositoras de masculinidades que questiono nas culturas que me cercam e, também em mim, pela ótica de uma pessoa não binária, nascida e crescida em um ambiente patriarcal e designada como masculino ao nascer.

Essas vivências e outras experiências desenvolvidas ao longo da vida, ressoaram nos entendimentos de mundo e em como foi sendo formada minha subjetividade. Ainda que com curiosidade de assistir e entender o que se passava na situação narrada, não havia muito conforto para que permanecesse naquele grupo. Aquelas imagens eram o que definia aquele grupo? Quem ou o quê definia os acessos de cada grupo às imagens? Por que algumas imagens fortalecem algumas pessoas perante a sociedade, enquanto desvalorizam outras? Quem são essas pessoas? Quais discursos estão presentes nas imagens que nos são vetadas?

A atenção em investigar as violências repercutidas por estas imagens em ambientes educacionais se intensificou quando a professora Carla de Abreu, orientadora deste trabalho de conclusão de curso, por meio de um projeto de Iniciação Científica, me convidou a participar dos processos de pesquisa de Jocy Meneses, coorientador do projeto, que, no seu mestrado, desenvolve uma proposta pedagógica que olha para as imagens que montam os imaginários das masculinidades e seus efeitos em relação às violências de gênero.

Quando diferenciamos nossa sociedade em uma chave binária, uma certa existência é instaurada em detrimento de outras. Já se toma como partido a concentração de poder unilateral. Se uma pessoa pode, as outras não podem. Se um tipo faz, os outros não farão. Se uma pessoa possui o poder, outras

oferecerão subserviência. Rita Segato⁵ conceitua estas estruturas binárias como algo que aparta o que é de interesse universal e o que é de interesse apenas de uma parcela. Uma estrutura de um e seus outros. “Um sujeito universal, que é branco, que é homem, que é intelectual, que é proprietário, que é chefe de família [...] e seus outros, que são diferentes dele”.

O que define as masculinidades e feminilidades são discursos intrínsecos a norma heterossexual, que deverão ser desaprendidos para que possamos construir possibilidades não colonizadas de vida. No combate às violências embasadas nos gêneros e sexualidades, se faz necessário desaprender e desapegar de um sistema que é construído em duas pontas de ação. Como poderemos ver nos próximos capítulos, nas montagens de gêneros e sexualidades, há um imaginário que impõe em uma ponta a construção de homens fortes, na outra ponta, em contraposição, a construção de mulheres frágeis. Propomos “escutar” estas imagens montadas com os sujeitos das pesquisas e questionar a função social deste binarismo heterossexual presente nas imagens, que contribuem para a manutenção de culturas patriarcais e potencializam violências físicas e simbólicas.

A intenção de dismantelar as normativas binárias não é propor a reunião de subjetividades e corporeidades em uma mesma caixa da igualdade. Pelo contrário. Os percursos de gêneros e sexualidades são singulares e caminham por entre as individualidades humanas. Nomear processos de identificação, ou não nomear, faz parte das práticas políticas de agrupamento em uma sociedade. No entanto, ao percorrer performances advindas desta binaridade, construídas pelo pretexto de um sujeito universal, como geralmente são as masculinidades, é preciso ter em vista que as diferenças não devem ser reconhecidas em detrimento de vivências diversas.

No grupo, introduzimos tais temáticas trabalhadas na pesquisa ao propor a inventariação de imagens oriundas da publicidade, das histórias da arte, de jogos eletrônicos, de produtos de entretenimento (filmes, séries, vídeos, etc.), da pornografia e das redes sociais (fotografias, memes, etc.). São imagens que

⁵ Tradução nossa de uma fala da Profa. Rita Segato no Seminário “Encuentros: Masculinidades y violencia de género en contexto universitario”, UMCE, Chile, em 3 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ApjlcXT3Gc>. Acesso em: 13 jan. 2022.

permeiam o imaginário dos participantes da pesquisa em seus contextos de discentes de Licenciatura em Artes Visuais. Desse processo, resultaram quadros compostos por visualidades e contravisualidades, montagens, que atentam aos fluxos que tencionam imaginários, ao entender “que as diferenças desenham configurações e que as dessemelhanças criam, juntas, ordens não percebidas de coerência” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 399).

Nos próximos capítulos iremos passar pelo processo dos encontros e as discussões com os participantes a partir de imagens que põem em confronto noções sobre gêneros e sexualidades. Inicialmente, foi discutido de quais formas a violência se apresenta nas relações de gêneros e sexualidades, também conversamos sobre o engajamento dos participantes na adesão ao projeto.

Em seguida, as imagens que compõem o quadro “Sobre as visualidades que violentam embasadas nos gêneros e sexualidades, e as que a elas resistem” irão demonstrar a formação dos complexos de visualidade patriarcais, e como estes operam na manutenção de masculinidades dominantes, traçadas pela binariedade em ataque a performances feminilizadas. Por fim, acentuamos o discurso sobre o papel das masculinidades, e a forma que são construídas, desconstruídas e reconstruídas, nas “visualidades” e “contravisualidades”.

Encontramos nesta pesquisa a necessidade em criar espaços nas Universidades para que se discutam as violências, uma vez que é necessário um esforço coletivo para seu combate. Falarmos sobre as imagens e as colocar em confronto permitiu conduzir outros olhares sobre as normas hegemônicas e traçarmos outros caminhos pedagógicos, baseados na educação crítica e libertadora.

**2 IMAGENS QUE VIOLENTAM EMBASADAS NOS GÊNEROS E
SEXUALIDADES**

2 IMAGENS QUE VIOLENTAM EMBASADAS NOS GÊNEROS E SEXUALIDADES

Figura 3. Meme incitando violências de gênero, compartilhado em redes sociais de grupo universitário



Fonte: G1 Goiás⁶.

O curso de Agronomia da Universidade Federal de Goiás é historicamente composto, em sua maioria, por estudantes homens. Em 2017, mais mulheres haviam ingressado no curso, um avanço rumo a uma profissão com menos discrepância entre gêneros. Entretanto, esta movimentação culminou no descontentamento de um grupo de alunos, que tiveram seu espaço de dominância supostamente ameaçado. Isto intensificou a circulação de ataques misóginos e homofóbicos em grupos de redes sociais conectados à Escola de Agronomia e à Universidade Federal de Goiás.

Entre listas que ameaçavam estudantes que não eram homens cisheteronormativos e exposição imagética de colegas a situações vexatórias, criou-se em mídia social uma página onde circulavam memes machistas e altamente sensíveis. “Coisas que só funcionam batendo”, dizia a postagem acompanhada das figuras de um coração, um computador e uma mulher [Figura 3]. Estas práticas viralizaram e foram notificadas à Reitoria, após protestos de estudantes que resistiam ao constrangimento causado pelas ações, as quais

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/estudantes-de-agronomia-da-ufg-denunciam-casos-de-homofobia-assedio-e-racismo-praticados-por-colegas.ghtml>. Acesso em: 26 jan. 2022.

motivaram diversas alunas a não se identificarem mais com o curso e até mesmo abandonarem a graduação.

No espaço das relações de trabalho, como o da Universidade, nos deparamos com o assédio moral, que “consiste em condutas abusivas, reiteradas e sistemáticas, manifestadas por meio de comportamentos, palavras, gestos e agressões leves, que interferem na dignidade humana e direitos fundamentais das vítimas” (MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO, 2018, p. 10). E, também, com o assédio sexual, condutas de conotação sexual não desejadas pela vítima. Ambos usam da humilhação e constrangimento para fins de dominação. No que se sustentavam as subjetividades destes alunos que acreditaram ter o direito de assediar estudantes? O que encorajou estes homens a saírem violentamente em defesa de um espaço que falaciosamente lhes foi conferido?

No mesmo ano desse triste evento ocorrido na Escola de Agronomia, o Conselho Universitário da Universidade Federal de Goiás aprovou a Resolução CONSUNI nº12/2017, que dispõe de normas e procedimentos a serem adotados em casos de assédio moral, sexual e quaisquer outros preconceitos no ambiente da UFG (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2017). A resolução também indica a formação de uma comissão permanente de acompanhamento destas denúncias, e propõe a realização de campanhas educativas e ações preventivas.

Esta resolução tem instrumentalizado a criação de ouvidorias específicas para denúncias de violências embasadas nos gêneros e sexualidades em Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) pelo Brasil, intentando acolher milhões de estudantes brasileiras que já sofreram alguma forma de violência de gênero na Universidade (CARIATTI, 2015).

Em convergência com o projeto de mestrado de Jocy Meneses, “Lutar contra certas imagens com a ajuda de outras imagens: cultura visual e o enfrentamento à violência de gênero junto a um grupo de homens”, esta pesquisa objetiva cooperar na luta contra essas violências em espaços universitários, a partir da condução de um grupo reflexivo com estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais (UFG), que tematizou como as imagens do imaginário de universitários se relacionam com estas violências.

2.1 Notas sobre o trabalho de campo

Seguindo os protocolos sanitários decorrentes da pandemia de SARS-COV-2, planejamos encontros virtuais. Inicialmente, seriam quatro encontros síncronos, com aproximadamente duas horas de duração cada. Durante o processo de pesquisa, para adaptar nosso planejamento à agenda do grupo, foi preciso reestruturar o planejamento destes encontros, que passaram a acontecer de forma assíncrona em um grupo em aplicativo de troca de mensagens, no qual realizamos a coleta das imagens da pesquisa em conjunto com os participantes, bem como conversas conduzidas a partir delas. Também foram realizados dois encontros síncronos, que deram continuidade às discussões movimentadas no grupo.

Tivemos um curto prazo para trabalharmos e, no percurso, nos deparamos ainda com a dificuldade de adesão de participantes ao grupo. Começamos, em novembro de 2021, a realizar convites aos discentes da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e, após três meses, obtivemos o aceite de um número muito inferior às nossas expectativas. Os convites foram realizados por email, através de mensagens diretas em redes sociais e, também, em duas disciplinas ministradas pela profa. Carla de Abreu. A não aderência ao convite nos ofereceu um dado inicial para conversarmos com os estudantes do grupo: Quais as possíveis razões da falta de adesão à esta pesquisa? São reflexos de uma nova assimilação do tempo por conta da pandemia de Covid-19? Seria decorrente do uso do espaço remoto, uma vez que as pessoas parecem estar saturadas das ferramentas digitais com a pandemia? Ou seria o tema, que pode incomodar?

Perguntado a quem aceitou participar do projeto, verificamos que o tema poderia não ser a questão central no problema do engajamento. Foi relatado ser um tema que muita gente gostaria de discutir, sobre o qual há muito a se discutir. Um assunto que já está presente nas rodas de conversa em salas de aula. As condições em que nos encontramos atualmente, durante uma pandemia que afeta completamente nossos meios de produção, as formas que já conhecemos de viver e modifica nossa relação com o tempo foram os motivos alegados pelo Grupo. São situações complexas que, segundo eles, pesaram na decisão de

participação e criaram um receio de se jogar ao desconhecido. Ressalta-se que as causas elencadas não são elementos indissociáveis, mas estão intrinsicamente relacionadas. Acrescentamos, ainda, como possibilidade para abaixar a adesão ao projeto o semestre acadêmico atípico, com um intervalo mínimo entre um semestre e outro.

O trabalho de campo foi realizado entre janeiro e fevereiro de 2022. Inicialmente, expusemos os objetivos do projeto, o uso que seria feito dos diálogos entre o grupo e a importância da participação na pesquisa. Solicitamos o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) [Anexo 1], que reforça os direitos dos participantes da pesquisa e autoriza o uso de imagem e som obtidos nos encontros síncronos, e também dos diálogos na plataforma assíncrona, para fins de discussão e análise dos resultados da pesquisa. Além disso, os participantes foram convidados a responder um questionário sociodemográfico.

Participaram 4 estudantes regularmente matriculados na Licenciatura em Artes Visuais. Todos residem na cidade de Goiânia, em Goiás. Com faixa etária entre 22 e 37 anos, todos se identificam como homens cisgêneros. Dois se identificam como pessoas pardas, uma preta e uma branca. As sexualidades distintas variam entre homossexual, bissexual ou heterossexual. Apenas um participante se encontra em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A média foi de dois participantes nos encontros síncronos realizados através da plataforma Google Meet.

2.2 As violências transcendem as agressões corporais

A partir da proposta de coletar imagens tematizadas pelas visualidades que violentam embasadas nos gêneros e sexualidades, e as que a elas resistem, para formarmos um quadro colaborativo, os participantes compartilharam suas primeiras impressões sobre violências. A imagem utilizada para iniciar o debate foi a seguinte:

Figura 4. *The rape of Tamar*



Cerca de 1640, de Eustache Le Sueur, Óleo sobre tela⁷.

Enquanto olhávamos para a imagem deflagradora do nosso quadro, *The rape of Tamar* [Figura 4], que deu início às nossas discussões e à primeira montagem, algumas percepções foram externadas sobre as nuances das violências físicas e simbólicas, dando tom às conversas e às coletas de outras imagens para a composição da atividade proposta:

Participante 1: De início, me veio uma notícia de um caso de um filho que estava caminhando com o pai e foram confundidos com um casal. Na agressão, o pai perdeu a orelha. Um amor paternal, que não tinha a ver com a sexualidade, foi colocado em cheque pelo vetor de duas figuras: homem e homem segurando as mãos.

Este relato, representado pela imagem de uma orelha costurada [Figura 5], menciona um ataque a dois homens no interior de São Paulo, que em 2011 foram confundidos com um casal gay. O pai teve parte da orelha arrancada na

⁷ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rape_of_Tamar_-_Le_Seur_trim.jpg. Acesso em: 26 jan. 2022.

agressão. Tal fato nos roubou a atenção pelo questionamento de como foi construída a ideia que acionada no imaginário destas pessoas, de forma tão violenta, a agredirem este pai e filho, decepando uma orelha?

Figura 5. Orelha do pai, costurada após agressão.



Fonte: G1 São Paulo⁸.

Participante 1: [A motivação para tal violência] vai muito do próprio agressor, de certa forma, mas a sociedade como um todo, ela colocou por muitos anos como um tabu a discussão de causas LGBTQIA+⁹. Como um todo, simplesmente com o ato de um homem demonstrar afeto, socialmente, tanto com outro homem, como também com uma mulher, é algo que remete a fraqueza. Além de ser fraco, ainda demonstrar afeto com outro homem, não pareceria certo à sociedade, e isso leva essas pessoas que tem essa idealização de como o homem deveria ser a um sentimento de ódio, ou repulsa. “Mostrarem sensibilidade é algo feminino, não pode”. Não consigo entender a cabeça dessas pessoas.

Participante 2: Essa coisa de não poder demonstrar afeto, ainda hoje existe em muitos lugares, não poder demonstrar essa coisa do abraço, até mesmo um pai com um filho. É uma coisa bastante real, ainda. Eu

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/nao-pode-nem-abracar-o-filho-diz-homem-que-teve-orelha-cortada.html>. Acesso em: 26 jan. 2022.

⁹ A sigla LGBTQIA+ refere-se às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais, e às demais que não seguem às imposições cisheteronormativas de gêneros e sexualidades, mas também não se sentem abrangidas por essas nomenclaturas citadas.

sempre me perguntei essas coisas, do porquê um homem não pode demonstrar afetividades e sensibilidade. Quando a sociedade vê essas imagens [como a de dois homens de mãos dadas], tem um estranhamento, e, por não compreender direito as coisas, acabam praticando essas violências.

Ao falar de pessoas que acabam “por não compreender direito as coisas”, o “Participante 2” comenta uma dificuldade encontrada na sociedade de assimilar a vivência do outro e a configuração de uma prática que não encaixa em um imaginário moldado por uma norma de raiz heterossexual. Há um “complexo de visualidades” (MIRZOEFF, 2016) patriarcais, do qual voltaremos a falar mais à frente, que ensina às pessoas formas hegemônicas de olhar para o mundo. Qualquer possibilidade que fuja a estas normas desestabiliza as estruturas enraizadas e são traduzidas, como menciona o “Participante 1”, em “um sentimento de ódio, ou repulsa”.

Ao pensarmos e digerirmos a agressão física relatada, nos encontramos com um gradiente de violências instituídas cotidianamente, entre elas as que podem impulsionar uma pessoa a se sentir no direito de levantar a mão para outra pessoa. Essas nuances seguem no fio da nossa discussão.

Participante 2: De início eu fiquei na dúvida se [a coleta de imagens] era algo muito explícito de violência, ou algo assim, porém na hora eu me lembrei de coisas que, na minha mente, na hora veio sobre coisas ocultas, que a gente vê, mas deixa passar. Então lembrei de uma novela, a Escrava Isaura, que tinha essa cena que me lembrei.

Um frame da novela A Escrava Isaura [Figura 6], em que o personagem Leôncio coloca a mão em volta do pescoço de Isaura com tom ameaçador e de dominação, foi colocado no painel pelo “Participante 2”.

Figura 6. Leônicio humilha e obriga Isaura a realizar atividades forçadas na fazenda.



Fonte: Record TV¹⁰.

Participante 2: Isso sempre me incomodou, o fato de pequenas coisas no dia a dia acabarem entrando na gente e se tornando normal. É algo que eu sempre fico me perguntando: o porquê daquilo? e o porquê que as pessoas não percebem? Logo eu já lembrei dessa imagem.

Esta percepção da violência em um sentido para além da agressão física esteve presente em toda nossa pesquisa. Saffioti (2015) reconhece que há uma percepção de que na sociedade a violência é tratada “como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (p. 17). A autora reitera não haver uma percepção unânime sobre a violência, já que ela opera em um terreno da individualidade e suas aparições não caminham isoladamente. Para maior entendimento, “prefere-se trabalhar com o conceito de direitos humanos, entendendo-se por violência todo agenciamento capaz de violá-los” (p. 76).

A autora sugere deslocar o conceito de direitos humanos, para que ele não esteja gendrado ao masculino, ou seja, não esteja formatado segundo as normas do "ser homem". Conceber que direitos humanos não estão atrelados a um sujeito universal homem, mas que agregam a integridade de todas as pessoas, em suas multiplicidades corporais e subjetivas.

¹⁰ Disponível em: <https://www.tvprime.ig.com.br/noticia/27638/novelas/resumo-a-escrava-isaura-30-03-isaura-quase-e-flagrada-sem-roupa-por-leoncio-29032020>. Acesso em: 03 fev. 2022.

Nos relatos, reconhecemos violências físicas e simbólicas. Situações aparentemente pequenas, mas que são violentas e potencializam novas violências.

Participante 1: A minha mãe ficou super revoltada quando eu falei que ela teve um posicionamento homofóbico contra mim. Ela é tranquila comigo, mas teve um determinado momento em que ela falou: Não fica publicando estas coisas, não posta fotos abraçado (com seu namorado). Isso pra mim de certa forma, também é uma violência muito grande, não permitir uma pessoa publicizar carinho com outra. Simplesmente por medo. Ainda que por um posicionamento de proteção, pra mim é um posicionamento homofóbico.

A linha entre o cuidado e o preconceito é tênue. Há uma separação muito estreita: Quando se faz necessário a proteção e quando essa proteção gera desconforto e limita viver? Publicizar carícias, trocar afetos é também viver.

Participante 2: Eu gosto de pintar as unhas, usar uma roupa mais curta, e minha mãe sempre me questiona: “Olha, presta atenção! Eu acho que pode ser exagerado, as pessoas podem se questionar sobre você ou fazer algum comentário.” Ela sempre me fala isso como preocupação, mas às vezes não sabe que aquilo pode afetar alguém da mesma forma. As palavras também podem afetar alguém.

Quando pensamos na violência como um conjunto de atitudes que atentam contra a vida, precisamos ter em mente que estas proteções relatadas também cerceiam a vida, logo podem constituir uma “proteção” que violenta. Com todos os pesos que a palavra violência pode ou não ter, há de se ter atenção ao transitar nos posicionamentos de proteção, ou de definir o que é seguro para outros. Esconder ou induzir a ocultar certas imagens que escapam às culturas patriarcais também violenta.

É importante assimilar nessas compreensões o quanto as situações cotidianas não acontecem inocentemente ou deslocadas de uma estrutura maior, da qual fazem parte as visualidades. Ao citar o “Participante 2”, retomamos a pergunta: “Por que as pessoas não percebem?”. Às vezes, mesmo sem perceber, reproduzimos discursos impregnados no olhar, impostos por uma norma cisheteronormativa anterior aos atos, que visa a subserviência dos outros, em prol

da dominação de alguns, conforme um ideal universalizado. Como esses discursos se instauram nos imaginários partilhados em sociedade? Quais seriam os papéis das imagens na formatação de uma normativa social do olhar? Abordaremos esses tópicos no capítulo a seguir.

3 COMPLEXOS DE VISUALIDADE PATRIARCAIS

Junto ao grupo, uma discussão sobre a construção social do olhar foi acionada após nos depararmos com o *frame* de um vídeo [Figura 8] de Felipe Neto, *youtuber* brasileiro que ultrapassa 30 milhões de inscrições em seu canal. Trata-se de uma imagem produzida em 2018, na qual são apresentadas fotografias de pessoas diversas com características socialmente feminilizadas, e seu público deveria responder se a pessoa na imagem era um homem ou uma mulher, baseando-se apenas em sua fisionomia. Após um enxame de discussões nas redes sociais sobre o teor transfóbico da “brincadeira”, ainda que não houvesse pessoas trans impressas no quadro, o vídeo foi retirado do ar pelo próprio produtor de conteúdo.

Figura 8. Miniatura de vídeo em que o *youtuber* Felipe Neto compartilhou quadro com brincadeira transfóbica.



Fonte: Catraca Livre¹¹.

Participante 2: Quando você publica isso [fotografias de pessoas com performances feminilizadas expostas no *frame*] e pergunta se é um homem ou mulher, você acaba tirando o fato de que ela é uma mulher trans e se identifica como uma mulher. É como dizer que: “mesmo após a transição ela continuará sendo um homem”, que é um ou outro.

O “Participante 1” complementa o raciocínio transfóbico possível em realizar tal brincadeira:

¹¹ Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/felipe-neto-e-acusado-de-transfobia-por-causa-de-video-polemico/>. Acesso em: 26 fev. 2022.

Participante 1: Esta imagem do Felipe Neto, representativamente assim são dois corpos femininos, talvez nem se identifiquem como uma mulher, talvez. É surreal resumir a pessoa a um gene.

O incômodo percebido entre os participantes esteve relacionado a uma prática social e, na ocasião, visual, da construção de expectativas normalizadoras e binárias sobre as corporeidades humanas. O jogo, indelicado e transfóbico, proposto pelo canal do *youtuber*, baseia-se em aspectos biológicos para promover uma caça às identidades e subjetividades, que antes de tudo são íntimas. A prática induz também ao questionamento da legitimidade de vivências transvestigêneras¹².

Poderíamos considerar a possibilidade de, com o grupo, trazer uma discussão mais profunda sobre características biológicas e suas relações com as identidades de gênero, mas, neste momento, escolhemos tensionar o diálogo sobre essas representações sociais do gênero. Ampliamos o debate sobre a expressão de indignação do “Participante 1”: “É surreal resumir a pessoa a um gene”. Mas por que será que estão tentando resumir a um gene? Por que tentam enquadrar as pessoas como homem ou mulher?

Participante 1: Porque é uma construção social, né? O homem tem um papel social, a mulher tem outro papel social, então... na cabeça das pessoas elas tem que interferir no outro “você tem que ser homem ou mulher porque você precisa ter um papel social”. Porque a mulher faz uma coisa e o homem outra, até pouco tempo mulher trabalhar não era coisa de mulher, né. Então, vai muito disso, é uma construção muito cultural.

Em diálogo, há a noção de que características são atribuídas às pessoas mediadas pela dicotomia homem e mulher. Há uma motivação nas culturas patriarcais em sua maneira de eleger as representações dos gêneros. E, neste processo, a representação de um grupo se dá “sempre em relação a outros grupos, que carregam características diferentes daquele que está sendo representado” (SABAT, 2001, p. 15). Assim, para que os homens assumam características e funções atribuídas às posições de poder e autoridade, é

¹² Transvestigênere é um termo guarda-chuva cunhado pela ativista Indianarae Siqueira, para designar pessoas com identidades trans, travestis, bichas afeminadas, sapatões caminhoneiras, e outras identidades não binárias.

necessário que as mulheres não as tenham e, então, são instituídos os gêneros de maneira binária.

Participante 2: Em muitos países ainda tem essa relação que a mulher fica em casa com os filhos e o marido vai trabalhar. A ONG que eu ficava era fundada por italianos, então muitos dos meus amigos são. Eu achava engraçado, porque em pleno século 21 eles tinham esse conceito ainda muito fechado, das relações de homem e mulher.

Participante 1: Eu acho que isso é uma questão muito histórica... Foi se construindo uma narrativa, até de divindade, como os católicos chamam deus de "Ele", uma figura puxada pro masculino, então sempre o masculino, ele tá superior, está um degrau acima. É porque eles não querem descer, eles não querem ficar no mesmo degrau (que os outros) e descer mais um degrau. Eles querem continuar lá em cima. Então, acaba moldando a sociedade para isto.

Participante 2: Sempre colocam o homem como responsável, como que ele tem que tomar as decisões, e sempre vão mantendo isto para a figura masculina como autoridade máxima em uma casa. E a mulher como submissa, a fraca, a que precisa da ajuda dele. Eu acho que o homem tem essa necessidade de se sentir o responsável, o maior na situação, e sempre vão mantendo essas coisas.

Nas culturas patriarcais, há o interesse de manter solidificados alguns papéis e privilégios sociais. Apontar que "seu papel é esse", "o seu é aquele", é evidenciar que há a intenção de colocar todo mundo em algum lugar. As sociedades patriarcais seguem na repetição de vestir com superioridade os homens. Elas precisam manter esses papéis duros e fixos pois, se há divergência, anormalidade, a dominação por parte de um sujeito alçado ao poder de forma ilegítima é prejudicada. Reverter as possibilidades de construção das próprias histórias desestabiliza as raízes da norma heterossexual.

3.1 Vestir a imagem gendrada

Participante 1: O homem pode andar com o corpo à mostra, e a mulher tem que ficar toda desse jeito.

Figura 9. Meme viral que mostra a jornalista Clarissa Ward em Kabul após a retomada de poder do Talibã.



Fonte: International Business Times¹³.

“Desse jeito” se refere à imagem viral da jornalista Clarissa Ward [Figura 9], que, durante a retomada do exército Talibã no Afeganistão, em 2021, realizou cobertura jornalística nas ruas de Kabul, com os cabelos e pescoço totalmente cobertos. O evento desencadeou a aflição, ao pensar na vivência de tantas mulheres que, ao ver seu país outra vez nas mãos do Talibã, percebem o retrocesso sobre direitos recentemente conquistados. Ao viverem no Islã do exército Talibã, as mulheres são cobradas a cobrir totalmente seus rostos nos espaços públicos. Imediatamente após a retomada, ameaças voltaram a impor tal rigidez e cartazes publicitários com o rosto de mulheres foram rasgados nas lojas da cidade de Kabul.

¹³ Disponível em: <https://www.ibtimes.co.in/reason-behind-burqa-clad-american-journalist-reports-afghanistan-grabs-curious-eyes-details-839825>. Acesso em: 28 fev. 2022.

O que prescreve a necessidade de apagar a imagem feminina, em contraposição a uma figura masculina que se evidencia no acúmulo de acessórios bélicos? Este processo de esconder a figura da mulher coopera em seu enfraquecimento social e político? Como a religião pode manipular as imagens de forma a conduzir um regime político a fim de aferir a autoridade de um sujeito contra os outros? Quais políticas permeiam o olhar estrangeiro sobre estas situações?

Na ocasião, um senador norte americano compartilhou o meme, postado por um teórico conspiracionista de direita, e viralizou uma ideia radical do que seria o controle dos corpos das afegãs e estrangeiras que residem no país, após o golpe político do Talibã. A jornalista sinalizou ao público que a montagem das imagens se torna uma comparação injusta, já que na primeira imagem ela está em um ambiente interno. Em relação à segunda, assim como outras mulheres da capital do Afeganistão, ela sempre usou um lenço cobrindo parcialmente o cabelo quando esteve nas ruas, e a diferença agora é o cabelo estar totalmente tampado.

Mitchell (2017) irá notar na cultura visual um modelo subalterno das imagens que “revela a dialética entre poder e desejo nas relações com as imagens” (p. 171). O autor propõe extrapolar o exercício da imagem como técnica de dominação, e descreve um complexo de desejo e ódio. Em diálogo com Fanon, ele usa as palavras “adoração” e “abominação” para descrever a reação do olhar. Assim, entenderíamos nestas imposições visuais a conferência do tratamento de vivências do feminino como insignificantes, e o temor, ao coibir que salte dessas imagens uma força que é desconhecida.

Hoje, no Brasil, não há leis que regem o comportamento social aplicado às formas de se vestir. No entanto, há códigos ocultos que conferem às roupas um gênero, sobretudo catalogadas no binarismo feminino e masculino. A identidade das pessoas é moldada desde muito cedo em referência aos caminhos de gêneros e sexualidades que deverão seguir, conduzidas por atributos que são atribuídos a elas no nascimento. No quadro, ao lado da imagem de Ward [Figura 9], surge a imagem dos uniformes adotados por colégios militares ou militarizados. No segundo caso, dos militarizados, se inscrevem os colégios

estaduais de Goiás, que nos últimos anos passaram por um processo de militarização e agora são geridos pela polícia militar.

Figura 10. Fardamento obrigatório exigido semanalmente pelo Colégio da Polícia Militar de Goiás (CPMG).



Fonte: Site oficial do CPMG 13 de maio¹⁴.

A tradicional farda, usada em solenidades e em formação nos colégios geridos pela polícia militar em Goiás, é questionável em sua relação pedagógica com o ambiente estudantil, e frequentemente está associada a situações de extremo calor, nas quais estudantes apresentam insolações e desmaios. Esta imagem [Figura 10], retirada das normas oficiais de vestimenta do site do Colégio da Polícia Militar de Goiás 13 de maio, nos orienta a olhar a diferenciação sem explicação dos uniformes utilizados pelos gêneros masculino e feminino. É orientado aos alunos homens que usem um mesmo corte de cabelo, que não ultrapasse a nuca ou o trago auricular. Para as alunas mulheres, são permitidas três medidas de cabelo, sempre amarrado em rabo de cavalo ou coque.

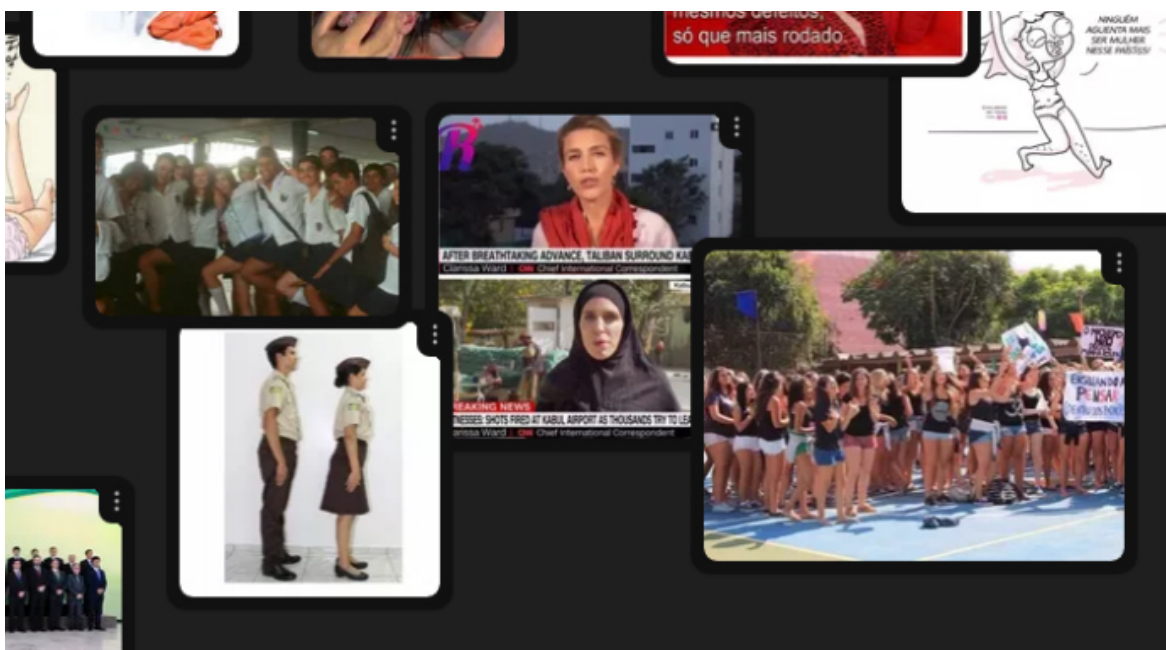
Em janeiro de 2022, o perfil oficial de um dos colégios da polícia militar emitiu uma nota para que as alunas usassem saias, obrigatoriamente, a partir de 2023. “Vamos promover sim o civismo, a cidadania e a ordem” (AMADO, 2022), nas palavras do comandante de ensino da unidade. Em resposta às críticas sobre a atitude machista, esta seria a justificativa para adotar a medida.

¹⁴ Disponível em: <http://www.cepmg13demaio.com.br/orientacoes-para-o-inicio-das-aulas-do-ano-letivo-de-2020/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Ainda que conste no regimento escolar, a saia-calça não é de uso comum para mulheres em associações militares. No entanto, há uma aparente movimentação para definir em caixas uma alegoria das representações masculinas e femininas. Por meio de uma pedagogia cisheteronormativa, a educação se estabelece em segundo plano em uma cena militarizada e autoritária. Fragilizar esses encaminhamentos, pré-estabelecidos pelo ensino da polícia militar, desestabiliza a almejada ordem militar, que está diretamente atrelada à atitude binária de olhar para o mundo. Dias depois, pressionados pela população e pela mídia jornalística, a unidade escolar retirou do ar a publicação, e o Comando de Ensino da Polícia Militar reiterou em nota que não há proibição do uso de calça por estudantes mulheres e que está trabalhando na revisão do regimento visando a padronização dos uniformes.

Ao aproximarmos em um recorte do quadro [Figura 11] as imagens do meme de Ward e do uniforme do Colégio Militar são confrontadas por imagens de duas contravisualidades. A primeira se trata de garotos usando saia na escola, ao protestar pela obrigatoriedade de calças para homens, mesmo em dias quentes. E a segunda mostra uma manifestação em que estudantes mulheres foram unanimemente para escola usando shorts, em protesto ao uso de shorts ser permitido apenas a estudantes homens.

Figura 11. Recorte aproximado da Montagem 1.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Santos Junior e Abreu (2022, no prelo) descrevem a possibilidade pedagógica em propor o confronto de visualidades hegemônicas com outras, criando situações nas quais “nos sentimos convidados a refletir e a problematizar as circunstâncias que são criadas com base nas relações de poder”. Em diálogo com o conceito de “montagem” proposto por Georges Didi-Huberman, ao colocar em tensão essas imagens no quadro, os participantes têm a oportunidade de “rastrear ideias, desestabilizar certezas, pôr em evidência as contradições que permeiam nossos cotidianos e vislumbrar possibilidades de criar outras relações” (2022, no prelo).

Ao final do primeiro encontro, retornamos ao plano geral do quadro, e agora completo [Figura 12], os participantes puderam saltar os olhos entre imagens de violência e que violentam, mas também entre outras, que resistem e desafiam essas violências.

segura em que se encontra o olhar anestesiado. Encontramos na ponta desse complexo a construção de uma masculinidade dominante, e nos interessou entender junto ao grupo em um novo quadro: Como essas masculinidades são formadas e informadas? O que na construção de masculinidades se tem de fato a ver com as violências embasadas nos gêneros e sexualidades? Quais as outras masculinidades possíveis que não violentam os gêneros e as sexualidades? Esses questionamentos conduzem as reflexões do próximo capítulo.

**4 IMAGENS CONSTROEM, DESCONSTROEM E RECONSTROEM AS
MASCULINIDADES**

4 IMAGENS CONSTROEM, DESCONSTROEM E RECONSTROEM AS MASCULINIDADES

*Quando eu estava prá nascer
de vez em quando eu ouvia.*

*Eu ouvia a mãe dizer:
Ai meu Deus como eu queria,
que essa cabra fosse home'
Cabra macho prá danar.*

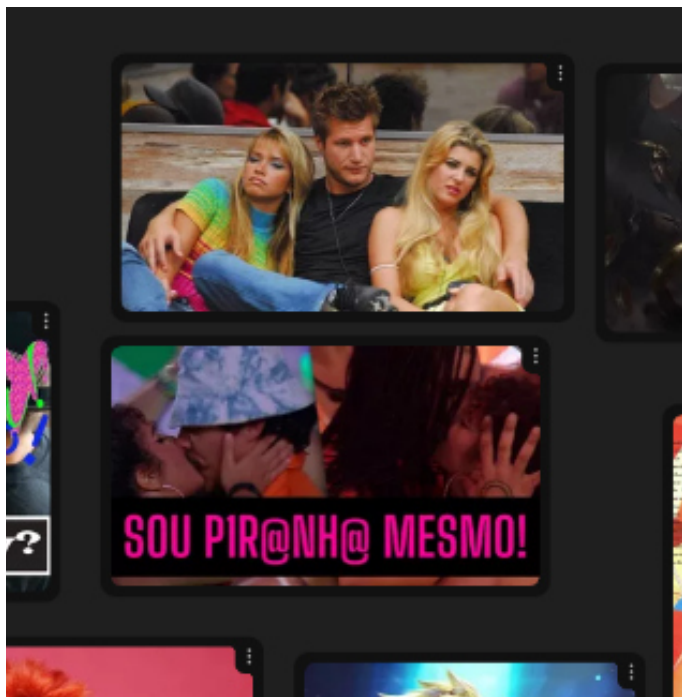
Homem com H, Ney Matogrosso, 1981

Em nosso segundo encontro com o grupo, montamos um quadro [Figura 13] com a coleta de imagens que constroem, desconstroem e reconstroem as masculinidades. O trecho da música de Ney Matogrosso: "como eu queria, que esse cabra fosse home", nos introduz às expectativas sociais sobre a subjetividade do outro, circunstância que acompanhará nossas novas discussões. Quais códigos figuram nas imagens o "cabra macho"? E como estas imagens afetam a construção das masculinidades?

Desta vez, com os participantes mais familiarizados com a dinâmica, o número de imagens na montagem praticamente dobrou. Reunimos imagens que circulam nos códigos ocultos escolares, bem como outras que constroem masculinidades hegemônicas. No decorrer do processo da montagem chegamos a associação da mídia nos processos de montagens das masculinidades e a participação da cultura popular nos tensionamentos de gêneros e sexualidades.

protagonizou uma relação poliamorosa com outras duas participantes, Fani e Íris. É necessário saber que o personagem se tornou campeão da edição por votação majoritária do público, recebendo 91% dos votos como positivos a sua vitória.

Figura 14. Recorte em montagem 2.



Fonte: Acervo da pesquisa.

A fotografia com os personagens aparentemente desconfortáveis foi imediatamente confrontada com uma segunda imagem [Figura 14], desta vez da vigésima e segunda edição do Big Brother Brasil (2022). Nela, a personagem Maria aparece beijando Eli, e em outro quadro, beijando Lina. Em uma tarja preta, há a frase dita pela personagem: “Sou piranha mesmo!”. Trata-se de um posicionamento público diante dos olhares recebidos após não escolher beijar apenas um, ou outra. Quais diferenças entre sujeitos autoriza as diferenças de tratamento na sociedade? Como os gêneros são mediados pelas relações sociais?

Participante 2: Vejo (na primeira imagem) o poder masculino de poder possuir várias coisas. Ele é o homem, o pegador. Tanto que se é a situação contrária chamam a mulher de galinha.

Participante 1: Meu namorado é da Educação Física, e os amigos dele são tudo homem hétero... Eu já ouvi eles falando: “Nossa, eu tenho receio de chegar naquela menina, porque ela é muito pegadora”. Então eles sentem receio de ir atrás dela, porque ela é meio que “fácil”.

Participante 2: Um rapaz que engravidou uma menina, e por tudo ele duvidou, questionou até, fez desdenho da menina, porque ela tinha as mesmas atitudes do que ele. Então ele fez toda essa exclusão dela, de comentar sobre ela, e teve muitos homens que apoiaram essa decisão dele: “Ah, ela é fácil, ela pega todo mundo”. Sendo que ele tinha as mesmas atitudes. Então, quando as mulheres têm as mesmas atitudes que os homens, isso se torna pejorativo.

Com este curto diálogo estabelecido, já podemos perceber uma regra desigual na construção das masculinidades e feminilidades. Os relatos dos participantes, que partiram desse confronto de imagens, mostram a formação binária das masculinidades hegemônicas, que avançam sobre as feminilidades com violência nas relações de poder, em um sistema de oposição e cerceamento.

Mesmo com avanços históricos nas discussões de gênero, a identidade homem ainda se transforma dentro de um cerco limitador. São reproduzidos, através das gerações, estereótipos e práticas que conduzem a violências embasadas nos gêneros e sexualidades. Meninos são ensinados a vivenciar masculinidades como “certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de movimentar, e assim por diante” (CONNELL, 1995, p. 189). Estas movimentações rígidas da identidade constroem masculinidades que desconsideram a estrutura complexa dos gêneros, esta que é “muito mais complexa do que as dicotomias dos ‘papéis de sexo’ ou a biologia reprodutiva sugeririam” (p. 189).

4.1 Desvestir o número do veado

Figura 15. Serigrafia vinílica Jogo do Bicho, de Oscar Fortunato, 2012.



Fonte: Site Oscar Fortunato¹⁵.

No jogo do bicho, bolsa ilegal de apostas em números representados por animais, o número vinte e quatro é figurado pelo veado, como mostra a serigrafia de Oscar Fortunato [Figura 15]. Por isso, muitos homens evitam usar o número estampado em roupas, poltronas em transportes coletivos, e até gabinetes políticos. Em 2019, foi notado no Senado que, na lista de gabinetes [Figura 16], a numeração pulava do vinte e três direto para o vinte e cinco. Homens adultos temem estarem relacionados a um número que, em razão de uma ideia perpetuada pelas gerações, os associa a homossexuais masculinos.

Figura 16. Fotografia da lista de gabinetes no Senado, sem a presença do vigésimo quarto.

GABINETE DO SENADOR HELIO JOSÉ	19
LIDERANÇA DO P. B	20
GABINETE DO SENADOR SERGIO PETECÃO	21
LIDERANÇA DO PSD	22
GABINETE DO SENADOR ANTÔNIO ANASTASIA	23
GABINETE DO SENADOR DÁRIO BERGER	26
GABINETE SENADOR HUMBERTO COSTA	25

Fonte: Folha¹⁶.

¹⁵ Disponível em: <http://oscarfortunato.com/JOGO-DO-BICHO>. Acesso em: 02 mar. 2022.

¹⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/apos-sumico-de-quatro-anos-gabinete-de-numero-24-reaparece-no-senado.shtml>. Acesso em: 02 mar. 2022.

Participante 1: Na escola, há toda uma piadinha por trás do vinte e quatro, “vim de quatro”, e ao mesmo tempo é número do veado (no jogo do bicho). Aí quem era o vinte e quatro, é gay. Na época de escola ninguém queria pegar na chamada o número vinte e quatro. Desde a década do meu vô falava isso “Nossa, graças a deus eu nunca fui o número vinte e quatro”.

Participante 2: Eu me lembro muito que teve um colega nosso, que teve que chamar os pais dele, por conta disso, porque apelidaram de vinte e quatro, porque em quase todas as séries o nome dele ficava com vinte e quatro. Sempre na nossa chamada era chamado por números, não o nome, aí teve uma temporada que ele ficou bem mal com isso.

Ainda nos anos iniciais da educação, já encontramos códigos ocultos que realizam a manutenção dos gêneros e sexualidades. A ignorância em amaldiçoar um número em relação a seu potencial de comparação a identidades não normativas é reação a conflitos de violências embasadas nos gêneros e nas sexualidades, reproduzidos nos pátios da escola.

Participante 2: Eu lembro que na minha escola, não era uma regra, mas todo final de ano tinha sempre uma palestra sobre sexualidade, e eu lembro que só os dois funcionários que eram gays na escola nunca participavam. Era estranho porque tinham todos os outros homens da escola inteira dentro da sala, menos eles dois.

Há uma vigilância sobre como o homem se comporta sexualmente, quais escolhas são atribuídas a suas relações afetivas. Convidados a revisitar essas memórias da escola e seus desdobramentos ideológicos, adicionamos ao quadro a imagem de crianças dançando quadrilha [Figura 17]. Festa popular que celebra os casais caipiras e faz parte dos calendários das escolas.

Participante 1: Festa junina, também, em hipótese alguma poderiam dançar duas meninas ou dois meninos.

Participante 2: Pior que aceitavam as meninas. Falavam que elas podiam usar o bigodinho, usar roupas de menino, porém os meninos como meninas nunca aceitaram.

Figura 17. Fotografia de crianças dançando quadrilha.



Fonte: Atividade pedagógica do EMEI Iara Conceição Vicente¹⁷.

Participante 1: É uma festa cultural e religiosa, então, quando se pensa em mudar essas coisas a tradicionalidade acaba meio que aceitando passar algumas coisas. Tipo, o homem estar sempre com o bigodinho, as meninas com as pintinhas e a maria chiquinha. Uns estereótipos. Aí tem que ter o casamento, o pai da noiva fica puto com o noivo sem motivo algum, só porque está casando.

“Aí tem que ter o casamento”, o “Participante 1” diz da representação simbólica de um casamento heteronormativo que sempre acontece ao final da celebração junina, com direito a padre e chuva de arroz. Novas intervenções foram realizadas: Por que o casamento é há tantos anos uma estrutura sólida na concepção das sociedades? Como podemos pensar na construção desta cerimônia, nessa relação homem e mulher?

Participante 1: A própria performance do casamento, o jeito que ela acontece. O casamento religioso, tem a ideia do noivo estar no altar, o pai levando a filha, e a mulher é sempre a posse do homem, sabe. O pai tá dando a posse da filha pro outro homem que está esperando ali.

Participante 2: Eu acho também, nessa cerimônia religiosa, “o homem precisa trabalhar e a mulher cuidar da família”, então tem essa coisa que precisa de um e outro para funcionar, se forem duas pessoas iguais isso não funciona. E também tem essa parte de que precisa ter um filho para se tornar uma família.

Participante 1: Me veio à cabeça a despedida de solteiro, também. Meus pais sempre foram separados, quando eu fui na despedida de solteiro da minha mãe (no novo casamento), minha mãe falou: “Vai com meu

¹⁷ Disponível em: https://www2.bauru.sp.gov.br/arquivos/arquivos_site/sec_educacao/atividades_pedagogica_distancia/1;Infantil/25;EMEI%20Iara%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Vicente/05;2B%20TARDE%20-%20PROF.%C2%AA%20ANA%20AM%C3%89LIA/SEMANA%2014%20-%2021%20a%2025-06-2021%20-%20Prof.%20Ana%20Am%C3%A9lia.pdf. Acesso em: 02 mar. 2022.

namorado, filho, fica com as mulheres não”. Respondi que queria ficar com ela, eu era bem pequenininho, aí vai na despedida de solteiro só tava as mulheres, eu criança e o cara fazendo *strip tease*.

Diferentemente da fotografia em que amigos ajudam a noiva a se arrumar para o casamento [Figura 18], nesses espaços, usualmente são reafirmados os limites dos gêneros, e são criados lotes gendrados com pessoas que compartilham um mesmo código social.

Figura 18. Amigos padrinhos se preparando com a noiva.



Fonte: Buzzfeed¹⁸.

Participante 1: Por que né, que eu que sou menino tenho que ir com os homens? Por que tem essa coisa da despedida de solteiro, qual que é o peso? Porque tem muito homem que fica puto quando a mulher vai na despedida de solteiro. O homem pode, a mulher não.

Nas culturas patriarcais, como as celebrações matrimoniais evangélicas, no lugar da festa de despedida de solteiro, as mulheres realizam o chá de lingerie [Figura 19]. Uma versão comportada em relação aos imaginários comuns do festejo, e que se justifica pela afirmação do “Participante 1”: “tem muito homem que fica puto quando a mulher vai na despedida de solteiro”.

A transformação do estilo do festejo é uma tentativa de celebrar o encontro da noiva com a nova vida de casada, mas sem a possibilidade de criar uma situação condenatória aos olhares de suas fés. Quando confrontamos as duas imagens, temos um contraste considerável da situação estampada na imagem do

¹⁸ Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/nataliemorin/27-ventajas-de-ser-una-mujer-con-amigo-s-hombres-dyy1>. Acesso em: 02 mar. 2022.

cartaz do filme *Bachelor Party* (1984) [Figura 20]. O nome do filme e o plot são da versão estadunidense da celebração.

Figura 19. Chá de lingerie.



Fonte: Casamentos Hugo e Max¹⁹.

Figura 20. Imagem do cartaz do filme *Bachelor Party* (1984).



Fonte: Site Spin Off²⁰.

Participante 1: Elas parecem “comportadas” e dos homens são só putaria. Me lembra de como 50 tons de cinza (filme) gerou tanta polêmica pros homens. Os homens ficavam puto das esposas assistirem ou lerem o livro.

Outra produção cinematográfica direcionada ao público adulto que conquistou grandes audiências femininas é o filme *365 dni* (2020). Na imagem escolhida para compor o quadro [Figura 21] há estampado o estereótipo do homem que cuida do

¹⁹ Disponível em: <https://noivos.casar.com/hugo-e-max>. Acesso em: 02 mar. 2022.

²⁰ Disponível em: <https://www.espinof.com/criticas/cine-en-el-salon-despedida-de-soltero-desmadre-a-la-americana>. Acesso em: 02 mar. 2022.

corpo e realiza sexualmente as necessidades femininas, e parte do pressuposto que o que as mulheres desejam, é serem dominadas.

Figura 21. Cena do filme 365 dni (2020).



Fonte: Blasting News²¹.

Participante 2: Quando as mulheres começam a estimar algo que elas queiram, ter o ideal de um homem, porque ali mostra o ideal de um homem, da forma que elas são tratadas e tudo mais. Quando elas passam a desejar aquilo, o homem se sente mal, porque pensa: “Ah, eu não sou capaz, ela não pode ver isso porque vai querer aquilo e eu não consigo”.

Participante 1: Como a visão altera, por exemplo, hoje em dia tem o estereótipo do homem padrão branco cishétero, que se não está nesse padrão já não é o homem perfeito para se relacionar. Eu escuto da minha família: “A mulher não quer um homem mais vulnerável”. “Ah, eu não sinto atração, o homem fica de frescura”.

Participante 2: Ao mesmo tempo, conversando com algumas amigas, elas sempre falam que sentem necessidade de ter alguém um pouco mais presente, que faz outras coisas além de ser aquela coisa máscula, que só faz os serviços em casa.

Nessas qualidades, se enquadrar em masculinidades hegemônicas torna-se uma jornada para a vida do homem. Nolasco (1993) fala sobre essas normas ocultas que impregnam as masculinidades:

A visão de mundo masculina está impregnada de uma concepção normativa, normalizante e vigiada, procedente do processo de socialização e dos mais sutis controles a que estão submetidos os meninos. Crescem sobre o cruzamento dos mais diferentes olhares sociais e da família, que lhes exige que “sejam homens”. Essa afirmativa, e expectativa, age sobre os meninos, reprimindo-os e conduzindo-os

²¹ Disponível em: <https://br.blastingnews.com/tv-famosos/2020/06/diretor-de-fotografia-de-365-days-fala-em-entrevista-sobre-as-cenas-quentes-do-filme-003161644.html>. Acesso em: 02 mar. 2022.

para o modelo de homem aceito socialmente. Desta forma, os pequenos aprendem a dirigir pela autoridade do outro, atendendo-a e procurando, por meio dos esquemas de punição e mérito, cumprir com o esperado” (NOLASCO, 1993, p. 75)

Fazer as pazes com essa conformação do gênero masculino é uma pressão conduzida por familiares, nos ambientes escolares, por colegas, pela mídia e também nas autoridades dos espaços profissionais. Os sentimentos dos homens são sufocados pela norma social do que seriam as maneiras e interesses masculinos. E se o homem se esforçar “de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres” (CONNELL, 1995, p. 190). Há um padrão social que parece dizer que se não estiver condizente a ele, não se é homem. E qual é esse ideal de um homem?

4.2 Masculinidades tensionadas pela cultura pop

As mídias no geral são uma tecnologia de gênero (DE LAURETIS, 2019), e podem educar sobre gêneros e sexualidades. Em nosso segundo quadro, sobre masculinidades, a capa do single de Tiago Iorc [Figura 22] propõe uma discussão sobre como os homens tensionam suas masculinidades por meio da música e problematiza as diferentes recepções destes conteúdos.

Figura 22. Capa do single MASCULINIDADE (2021) de Tiago Iorc.



Fonte: G1 Globo²².

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2021/11/11/tiago-iorc-reflete-sobre-virilidade-e-expoe-medos-e-fragilidades-ao-voltar-a-cena-com-single-masculinidade.ghtml>. Acesso em: 03 mar. 2022.

Na letra da música MASCULINIDADE (2021), Iorc descreve sua jornada desde a infância até os últimos anos já vividos, refletindo sobre a construção de sua identidade enquanto homem. “Quando criança, era chamado de bicha. Como se fosse xingamento, que coisa esquisita”. Apesar de usar apenas uma única referência – a sua, um homem branco e dentro dos padrões sociais mais aceitáveis –, sua música convida a repensar a masculinidade.

Em nosso quadro, ao lado da capa de Tiago, está a imagem de Ney Matogrosso [Figura 23], que segue a provocar, com sua irreverência, a masculinidade docilizada de Iorc. Não é recente o papel de artistas homens na reformulação do olhar sobre seus corpos. Muitos destes artistas receberam notoriedade e espaço no imaginário popular.

Figura 23. Ney Matogrosso performando no palco.



Fonte: Site Ney Matogrosso²³.

Participante 1: Ney Matogrosso é uma pessoa respeitada pelas pessoas que são tradicionais, porque ele fez parte do crescimento dessas pessoas, fez parte da cultura delas. Renato Russo é um cara respeitado, Freddie Mercury é um cara respeitado, Ney é um cara respeitado. Por que os novos artistas que trazem essa quebra da binariedade não são?

²³ Disponível em: <https://neymatogrosso.com.br/shows/>. Acesso em: 03 mar. 2022.

Outro artista mencionado no quadro, e que compõe essa trinca de personalidades, é o músico David Bowie [Figura 24]. Marcado pela androginia de sua figuração, é respeitado em escala mundial.

Figura 24. David Bowie.



Fonte: Rota Principal²⁴.

Participante 2: É engraçado esse discurso de: “ah, é porque usa roupas femininas” (se referindo a Pablo Vittar). Mas o David Bowie também utilizava, os Mamonas Assassinas também. E são tratados como ícones da música. Porém quando se fala de uma Pablo, de uma Glória, tem essa coisa de dizer que é uma coisa ruim.

Tanto David Bowie e Ney Matogrosso desconstroem suas performances masculinas sem necessariamente posicionar a flexão do gênero, em suas performances não haveria a intenção dita de representar a mulher. Pablo Vittar [Figura 26], Gloria Groove [Figura 25], Aretuza Lovi, e outras *drags* produzem performances no lugar da feminilidade, e apresentam uma figura hiperfeminina, escapando do olhar viciado ao corpo gendrado masculino.

²⁴ Disponível em: <https://rotaprincipal.com.br/david-bowie-o-artista-excentrico-que-mudou-a-industria-fonografica-com-sua-atitude/>. Acesso em: 03 mar. 2022.

Figura 25. Glória Groove no clipe *Leilão* (2022).



Fonte: Youtube²⁵.

Figura 26. Pablo Vittar em dois looks na revista *Pop-se*.



Fonte: Blasting News²⁶.

Pablo Vittar recebeu o prêmio “Homem do Ano 2020” [Figura 27], da revista GQ, em reconhecimento à sua contribuição na música pop brasileira e representatividade na comunidade LGBTQIA+. O evento causou nas redes um debate sobre o gênero da cantora, que ao público declarou: “Ganhar um Men Of

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X7cz9v6mHzg>. Acesso em: 03 mar. 2022.

²⁶ Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2019/05/10/pablo-vittar-aparece-em-capa-de-revista-com-duas-facetas.htm>. Acesso em: 04 mar. 2022.

The Year é afirmar que posso, sim, caminhar pelo masculino, pelo feminino e ter sucesso em ambos” (UOL, 2020).

É possível perceber um cunho pedagógico nas palavras e ações da cantora, que, ao encenar sua personagem *drag queen*, absorve as possibilidades de performances feminilizadas e masculinizadas inerentes ao ser humano para além de seu gênero ou sexualidade. A escolha do prêmio expõe para parte da audiência brasileira a necessidade de falar e questionar sobre o entendimento das identidades diversas.

Figura 27. Pablo Vittar eleita o homem do ano.



Fonte: Facebook Mídia Ninja²⁷.

A *drag* Gloria Groove comentou no podcast *Mano a Mano* (2021), que iniciou sua carreira musical sem apresentar seu retrato, pois assim poderia entrar na casa de brasileiros. Só depois do sucesso, começou a divulgar mais sua imagem. Depois que já estava presente nos lares pelo Brasil, virou para seu público e disse: “Olha, eu sou uma *drag queen*”. Hoje, é conhecida como a *drag* com mais ouvintes mensais nas plataformas de música em todo o mundo. Sua imagem circula pelas redes provocando os limites do gênero, como no seu clipe *Bumbum de Ouro* (2017), em que ela aparece de *drag queen*, com cabelos longos e salto alto, ao lado dela mesma, sem maquiagem, usando boné e tênis [Figura 28].

²⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/2071291836362284/>. Acesso em: 03 mar. 2022.

Figura 28. Frame do clipe *Bumbum de Ouro* (2017) de Gloria Groove.



Fonte: Youtube²⁸.

Participante 2: Quando eu vou pra casa da minha mãe e assisto os vídeos da Pablo ou da Glória, ela sempre elogia bastante, toda a estrutura, o corpo. Eu fico impressionado, né, minha mãe é bem das antigas e gosta muito. E ela sabe que é uma *drag*, ela sabe que é uma arte, ela diz: “A música que me interessa”.

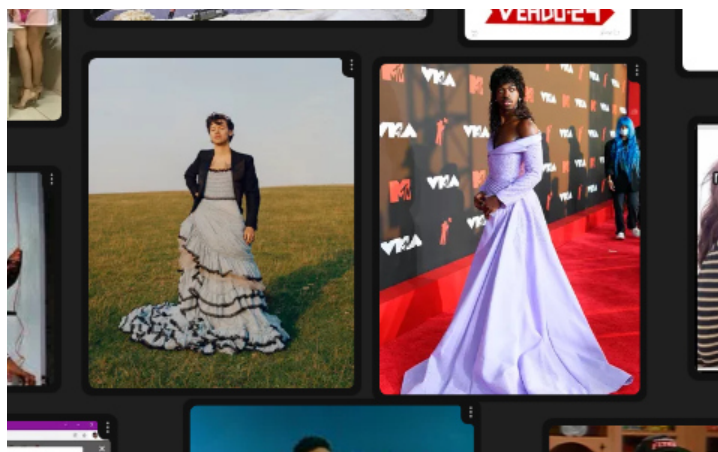
Com estes exemplos, é possível perceber que as masculinidades e feminilidades não são fixas às identidades de gênero de quem as performa. Connell (1995) chama atenção ao fato de que, se engessamos as masculinidades à identidade “homem”, “não poderíamos falar da feminilidade nos homens ou da masculinidade nas mulheres (exceto como desvio) e deixaríamos de compreender a dinâmica do gênero” (p. 189).

Na atualidade, há imagens de homens na música pop que questionam os olhares sobre as masculinidades. Um debate em ascensão são as permissões performáticas do gênero, sob uma perspectiva racial. Enquanto falávamos sobre as represálias que o cantor Lil Nas X recebeu durante o lançamento de seu último disco por adotar uma estética menos binária de sua representação, o “Participante 2” traz uma imagem de contraponto do cantor Harry Styles [Figura 29], para abarcar uma crítica a forma como são acolhidas as representações desses artistas.

Participante 2: Acho que também tem uma questão de cor no Lil Nas X, se você olhar pro Harry Styles, ele tem uma pegada visual um tanto parecida. Mas quando é um negro, que canta rap, que faz isso, tem toda uma outra coisa também no meio.

²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWaOGMntBIY>. Acesso em: 03 mar. 2022.

Figura 29. Harry Styles e Lil Nas X na montagem 2.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Estas movimentações e questionamentos do gênero na mídia preconizam nas gerações mais jovens, novos olhares sobre a construção das masculinidades, e são uma continuação do entusiasmo individual com o gênero. Amparado pelo privilégio da identidade homem branco hétero, o cantor da foto posicionada à esquerda do quadro, conversa com uma liberdade que lhe é dada pela sociedade em se experimentar visualmente, pois "ele pode". Enquanto o cantor na foto da direita trava uma disputa por espaço na indústria do rap, que a longa data foi protagonizada, e ocupada majoritariamente por homens heterossexuais. Para articular a resistência neste espaço, o artista irá modular a relação com sua própria masculinidade, e em paralelo, desestabiliza na sociedade um olhar viciado sobre o homem de sucesso no rap. Assim como Connell (1995) ressaltou, "a re-construção coletiva das masculinidades, tal como a construção da masculinidade no nível pessoal, é um processo dialético e não um processo mecânico" (p. 193).

5 A EDUCAÇÃO EM OUTRAS IMAGENS

5 A EDUCAÇÃO EM OUTRAS IMAGENS

Ao adentrar às imagens que conduzem gêneros e sexualidades em ambientes educacionais, nos deparamos com um currículo oculto que acompanha a formação das identidades. Silva (2010) explica que o currículo oculto seria entendido como tudo aquilo presente no ambiente escolar que contribui para aprendizagens sociais relevantes, sem estar disposto no currículo explícito. Todas as imagens que constroem o ambiente escolar estão diretamente relacionadas com esses processos de aprendizagem. Essas imagens carregam violências, silêncios, resistências. Elas são mediadas por pessoas. Em meio a um processo de mecanização da educação, estudantes, docentes, profissionais de apoio pedagógico e outras pessoas que circulam os pátios da escola criam redes de relações que mantêm vivas as possibilidades de uma educação popular. Com atenção, é possível conduzir conexões e desconexões para que as vozes diversas, que são, a um só tempo, singulares e coletivas, sejam escutadas, no embate às violências cristalizadas nos imaginários sociais.

Aprender a escutar as imagens está relacionado a se permitir estender o olhar ao outro, e ao olhar do outro.

Quando nos propomos a participar da formação de estudantes que vivem o processo de tropeço nos desconhecidos do mundo, estamos frente à responsabilidade e ao desafio de acolher novos olhares e mediar estratégias anticoloniais. O dismantelamento de complexos de visualidade, como o patriarcal, é um processo inerente a uma educação que pratica a liberdade, tal qual preconiza Paulo Freire. Assim, dentro dessa “educação libertadora”, podemos exercer “o papel de contribuir para a compreensão e o desenvolvimento de uma atitude crítica frente ao que é consumido visualmente” (SANTOS JUNIOR; CREMASCO, 2021, p. 445).

Deixar de reproduzir imagens que violentam com base nos gêneros e sexualidades requer acionar outros olhares. Educar em outras imagens não passa por classificações embebidas nas relações de poder. É, na verdade, acessar discursos que são engolidos por narrativas dadas como universais. De

quais formas poderíamos desprotagonizar a imagem do sucesso? A imagem do poder? Do cuidado, ou da força? E nesta ocasião, as imagens da masculinidade?

Escolhemos confrontar essas imagens violentas, e colocá-las em confronto, para ultrapassar uma visão sistematizada e hierarquizada pelo poder, materializada nas imagens. Quando essas imagens são impostas, repousam em um patamar confortável de superioridade, e a importância a elas atribuída é alimentada pela sacralização de seus discursos. Tocar essas imagens nos permite encurtar as distâncias que as fazem pousar por sobre outras. Humanizá-las conduz a nomeá-las no plural: sucessos, fracassos, cuidados, forças, masculinidades.

Escolher aceitar o desafio de compor um grupo para falar sobre as masculinidades mediadas pelas imagens me assombrou, devido ao ‘despertencimento’ das possibilidades masculinizadas. Questionava qual autoridade teria eu para falar sobre as imagens do homem. Crescer na desautorização ao acesso a certas imagens, ou ainda, viver uma educação que se alia a visualidades patriarcais, constituiu um distanciamento imensurável das estruturas dos discursos. E, no processo de montar, desmontar e remontar as relações de compreensão dos gêneros e sexualidades, de uma educação crítica, das possibilidades das imagens, junto a Carla e Jocy, foi possível concretizar um fio de diálogo com os participantes pelos limiares das imagens coletadas.

Apreciar a estratégia da “montagem” como motivadora das discussões com o grupo sobre gêneros e sexualidades (SANTOS JUNIOR; ABREU, 2022) nos permitiu conceber os caminhos pelos quais são formados os complexos de visualidade (MIRZOEFF, 2016), e como nos afetam. Quando colocamos as imagens coletadas em confronto, essas tensões provocaram nos participantes o desejo por construir novas maneiras de se posicionar diante de seus discursos, de falar sobre os incômodos vividos cercados por visualidades patriarcais. E de sugerirem outras visualidades, que se aproximam de suas maneiras singulares de viver as masculinidades. Esta receptividade se deu pela escolha em nossa pesquisa por adotar uma pedagogia crítica no desenvolvimento do currículo de nossos encontros, e por alinharmos esta pedagogia crítica à perspectiva da

cultura visual, que forma “sujeitos menos passivos diante do que veem” (ABREU, 2015, p. 3938).

Estes futuros docentes que nos acompanharam, em breve egressos da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, enfrentarão desafios em sala de aula, com crianças e adolescentes. Pessoas cercadas por questionamentos de uma sociedade que se constrói por pessoas vivas, que se contradizem, que operam pela dominação, que resistem.

As narrativas que conduzem as identidades precisam constantemente se atualizar, se questionar. Não há espaço para circularmos os mesmos trajetos de uma “educação bancária” (FREIRE, 2021). Entendemos que, “à medida que a sala de aula se torna mais diversa, os professores têm de enfrentar o modo como a política da dominação se reproduz no contexto educacional” (hooks, 2013, p. 56).

Muitas imagens já estão dadas, entorpecem os canais de recepção, mas o que fazer com estas imagens?

É necessário uma educação para além da Arte, mas que em arte resista, que ofereça espaço para escutar as imagens e acionar outros discursos. Reivindicar a autonomia sobre os próprios corpos, sobre nossas subjetividades, é um processo de cura rumo a um olhar que outra hora foi “despertencido” da permissão de ser.

As violências embasadas em gêneros e sexualidades estão alojadas em dimensões intrínsecas às concepções binárias, que formatam o mundo em prol de um projeto de dominação respaldado por um sujeito ilegitimamente dado como universal.

Engajar na luta contra essas violências cobra uma movimentação estrutural, que passa também pela educação. Isso faz com que se torne imprescindível o posicionamento questionador de docentes e estudantes das licenciaturas para pensar criticamente as políticas das identidades e suas relações com os complexos de visualidades. Essa forma de atuar na educação, tanto de docentes quanto discentes, colabora para a construção de estratégias que têm potencialidades para de se insurgir contra olhares anestesiados, aqueles que se isentam das violências cometidas ao seu redor e preferem ver, sem ver!

Profissionais que irão conduzir escolas, universidades, salas de aula, ambientes formais e não formais de educação e intentam, por meio de uma pedagogia crítica, transformar as realidades para um percurso de integração e respeito, constantemente devem se questionar: Quais imagens guardam o olhar das próximas gerações?

REFERÊNCIAS

ABREU, Carla Luzia de. Imagens que não afetam: questões de gênero no ensino da arte desde a perspectiva crítica feminista e da cultura visual. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 24., 2015, Santa Maria. **Anais** [...]. Santa Maria: ANPAP, p. 3927-3942, 2015.

AMADO, Guilherme. Colégio da PM de Goiás obriga meninas a usarem saia e proíbe calça. **Metrópoles**, Goiânia, 10, jan. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/colegio-da-pm-de-goias-obriga-meninas-a-usarem-saia-e-proibe-calca>.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARIATTI, Nathalia. 2,9 milhões de estudantes brasileiras já sofreram alguma violência de gênero na universidade. **Marie Claire**, São Paulo, dez. 2015. Disponível em <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2015/12/29-milhoes-de-estudantes-brasileiras-ja-sofreu-alguma-violencia-de-genero-na-universidade.html>. Acesso em: 14 maio 2021.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 185-256, jul/dez. 1995.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-155.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 49 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. (org.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: UFSM, 2011. p. 31-49.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7126>. Acesso em: 30 set. 2021.

JUNQUEIRA, Rogério. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Psicologia Política**, Florianópolis, v. 18, n. 43, p. 449-502, set./dez. 2018.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MANO A MANO: Mano Brown recebe Gloria Groove. Entrevistada: Gloria Groove. Entrevistador: Mano Brown. [S.l.]: **Spotify**, nov. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1ds479zvF8w1e3cGPcGs5J>. Acesso em: 05 mar. 2022.

MARTINS, Alice Fátima. Algumas frestas de luz, zonas de penumbra: densas sombras sobre pesquisas em contextos educativos e suas visualidades. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 181-199.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. *In*: OLIVEIRA, Marilda. (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007, p. 18-40.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. ABC da violência contra mulher no trabalho. São Paulo: MPT, 2018.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 18, n. 4, p. 745-768, nov. 2016.

MITCHELL, W. J. T. **O que as imagens realmente querem?** *In*: ALLOA, Emmanuel (org.). Pensar a imagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 165-189.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 9-21, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SANTOS JUNIOR, Jocy Meneses dos; ABREU, Carla Luzia de. A montagem como recurso para promover disrupções em contextos educativos: cultura visual, gênero e sexualidade. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 4., 2021, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: [s.n.], 2022. *No prelo*.

SANTOS JUNIOR, Jocy Meneses; CREMASCO, Renata Lima. A mulher na arte, de objeto a sujeito: discutindo construções e desconstruções de gênero em sala de aula a partir da arte. *In*: OLIVEIRA, V. M.; FILGUEIRA, A. L. S.; FERREIRA E SILVA, L. M. (org.). **Corpo, corporeidade e diversidade na educação**. Uberlândia: Culturatrix, 2021. p. 443-472.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (org.). **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: UFSM, 2011. p. 51-68.

TOURINHO, Irene. Cultura, Currículo e Avaliação. **Publica Criar**, Goiânia, 2009. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/modulo/5/003.html>. Acesso em: 30 set. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Conselho Universitário. **Resolução CONSUNI nº 12/2017**. Dispõe sobre normas e procedimentos a serem adotados em casos de assédio moral, sexual e quaisquer formas de preconceito, no âmbito da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: Conselho Universitário, 2017.

UOL. Pablio Vittar ganha prêmio de Homem do Ano: 'Posso, sim'. **UOL**, São Paulo, dez. 2020. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/12/03/pablio-vittar-ganha-premio-de-homem-do-ano-posso-sim.htm>. Acesso em: 05 mar 2022.

ANEXOS

Anexo I. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Este termo trata-se de um convite a você, que participe, de forma voluntária, na pesquisa intitulada “Desconstruindo visualidades que perpetuam violências de gênero na Universidade”, cuja proposta faz parte do projeto guarda-chuva “Pedagogias de Resistência: Gêneros e Visualidades”, coordenado pela pesquisadora dra. Carla Luzia de Abreu. Meu nome é **Marcus Vinícius Turíbio de Brito**, sou discente do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e a área de atuação deste projeto é ARTE E CULTURA VISUAL. Após receber a elucidação e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, uma cópia do documento será encaminhada aos seus cuidados e a outra pertencerá aos cuidados do pesquisador estudante responsável por este subprojeto. Ressalto que em caso de recusa você não haverá penalização de forma alguma. Mas, se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser explicadas pelo pesquisador responsável por este projeto, via e-mail (mvturibio@discente.ufg.br) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (31) 993-499-913. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)** da Universidade Federal de Goiás (UFG), pelo telefone (62) 3521-1215.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

Título: Desconstruindo visualidades que perpetuam violências de gênero na Universidade.

A presente pesquisa tem como **objetivo geral** investigar as relações entre visualidades, contravisualidades, masculinidades e violências de gênero, físicas e simbólicas, a partir de encontros a serem conduzidos com um grupo de estudantes da Universidade Federal de Goiás com identidades de gênero masculinas. Você fará parte de um grupo reflexivo sobre gêneros e sexualidades, e para isso deverá reservar um período de 6 horas, distribuídas em 3 momentos de forma assíncrona, inicialmente realizaremos apenas

um encontro síncrono, em data e horário a serem discutidos coletivamente e realizados através da plataforma Google Meet. Investigaremos em grupo se o uso de imagens enquanto ferramentas pedagógicas pode contribuir para a conscientização e prevenção às violências de gênero.

1. Em encontros realizados na plataforma Meet serão obtidas cópias gravadas das conversas (imagem e som) destes encontros. Assim, como também serão obtidas cópias dos diálogos realizados em plataformas assíncronas (Whatsapp, Telegram, E-mail, entre outras) para fins de produção dos resultados da pesquisa.

() Permito a gravação e divulgação dos meus relatos nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a gravação e divulgação dos meus relatos nos resultados da pesquisa;

0. Os riscos principais decorrentes da pesquisa são a experimentação de desconforto e/ou constrangimento psicossocial ocasionados pelas discussões que ocorrerão no grupo; Alguns dos benefícios decorrentes da pesquisa são o fomento a discussões sobre as culturas patriarcais junto aos públicos masculinos, o incentivo a processos investigativos sobre a produção visual/cultural de estereótipos de gêneros e sexualidades e a contribuição com a proposição de espaços de discussão na Universidade que visem colaborar para o enfrentamento das violências de gênero, através da disseminação de novas perspectivas pedagógicas que podem ser empregadas nessas discussões.

0. É importante esclarecer que sua identificação, bem como dados pessoais serão tratados de forma totalmente confidencial.

0. Assinar este documento dá a você a garantia expressa de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma;

0. Assinar este documento também dá a você a garantia de se recusar a responder questões que lhe causem constrangimento em entrevistas e questionários;

Você tem direito de pleitear indenização no caso de não serem respeitados os compromissos que o pesquisador responsável incluiu neste documento e que você assinou de maneira ciente;

Para a pesquisa é importante que os arquivos das contribuições dos(as) participantes e os materiais resultantes dos processos de investigação sejam armazenados para possíveis desdobramentos e divulgação do estudo. Toda nova pesquisa a ser feita com estes dados será submetida para aprovação do **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)** da Universidade Federal de Goiás (UFG).

() Permito que meus depoimentos e os materiais audiovisuais nos quais eu participei sejam armazenados

() Não permito que meus depoimentos e os materiais audiovisuais nos quais eu participei sejam armazenados

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito(a) sob o RG, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “Desconstruindo visualidades que perpetuam violências de gênero na Universidade”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Recebi devidamente informações e explicações realizadas pelo estudante pesquisador responsável MARCUS VINÍCIUS TURÍBIO DE BRITO sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, ... de Janeiro de 2022.

.....
Nome de participante

Assinatura por extenso do estudante pesquisador responsável: MARCUS VINÍCIUS TURÍBIO DE BRITO

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável: CARLA LUZIA DE ABREU